

17 Pl. G. 126. 943

S U M M A R I O

Da Vida, & Morte da Excellentissima Senhora,

A S E N H O R A

DONA LEONOR
JOSEPHA DE VILHENA,



E das Exequias que na Cidade da Bahia consa-
grou ás suas memorias

A S E N H O R A

D. LEONOR JOSEPHA DE MENEZES,

Esposa do Gonçalo Ravaesco Cavalcanty & Albuquerque, Fi-
dalgo da Casa de S. Magestade, Commendador da Ordem de
Christo, Alcaide mór da Cidade de Cabo Frio, Se-
cretario do Estado, & Guerra do Brasil,

OFFERECIDO A' EXCELLENTISSIMA SENHORA,

A S E N H O R A

D. MARIA FRANCISCA BONIFACIA
DE VILHENA,

Filha dos Excellentissimos Senhores, o Senhor D. Rodri-
go da Costa, & da Excellentissima Senhora, a Senho-
ra D. Leonor Josepha de Vilhena.

C O M P O S T O

POR SEBASTIAM DA ROCHA PITA,

Fidalgo da Casa de S. Magestade, Cavalleyro Pro-
fesso da Ordem de Christo, Coronel do Re-
gimento da Corte do Brasil.

E mandado imprimir por dous Afilhados do Excellentissimo S. D. Rodrigo da Costa.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias. M.DCC.XXI.

SUMARIO

Donde se contiene el contenido de los libros de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia

LIBRO PRIMERO

JOSEPH DE VILHENA

Las cartas que se le escribieron desde la corte de Madrid

A SEÑORA

D. LEONOR JOSEPH DE MENTRE

Donde se contiene el contenido de los libros de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia

A SEÑORA

D. LEONOR JOSEPH DE MENTRE

Donde se contiene el contenido de los libros de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia

LIBRO SEGUNDO

JOSEPH DE VILHENA

Las cartas que se le escribieron desde la corte de Madrid

A SEÑORA

D. LEONOR JOSEPH DE MENTRE

Donde se contiene el contenido de los libros de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia





EXCELLENTÍSSIMA SENHORA



Sentimento grande do sempre lamentavel golpe, com que a fortuna chegou a provar a constancia de V. Senhoria na mais pueril idade, & no mais tenro principio, & verdor da natureza, com a intempestiva morte da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilbena, que está no Ceo, mãy de V. Senhoria, he tão excessivo, que não cabendo em hũ Reyno, que testemunhou as suas virtudes, era preciso passasse a todas aquellas partes, em que a fama tinha publicado os seus merecimentos, & com mais razão a este Estado, que tendo recebido tantos augmentos pelo felicissimo governo do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa seu digno esposo, & pay amante de V. Senhoria, devia tributar os sentimentos à proporção dos beneficios: & sendo em mim estes tão notorios pelo excesso de amor, & de grandeza com que me honrou a Excellentissima Senhora D. Leonor, a cujos favores devia render algũa demonstração o meu agradeci-

* 2

men-

mento, & achandome mais que todos obrigada, & sentida, não quiz reduzir à prisão do meu segredo, a vehemencia da minha dor, porque ainda que na esfera do silencio caybaõ grandes penas, não podem caber grandes obrigações.

Com este pensamento me animey a fazer à sua ditosa alma bñas publicas, & piedosas exequias, & a levantar à sua memoria, como padraõ da minha saudade esse pequeno tumulto, cujo rascunho offereço a V. Senhoria, não foy porporcionado à estatura do objecto, assim pelo não permittir a capacidade do Tẽplo, como por lhe ser taõ desigual a força do braço: mas como sobrou de impulso, quanto faltou de poder ao instrumento, se lhe não deve medir a fabrica pela grandeza, senão pela vontade, fazendo-a mayor a magoa gèral com que os moradores desta Cidade acompanhaõ a pena de V. Senhoria, de que daõ fiel testemunho essa discreta, & sentida oração, esses magoados versos, em que os seus Authores apuràraõ as pennas, não só para os voos, mas para os sentimentos: a materia lhes deu esferas para se remontarem, & o motivo lhes duplicou extremos para sentirem. Com correntes de lagrimas se formàraõ esses caracteres, que só com a tinta do coração se podiaõ escrever as magoas d'alma: por mim se encaminhaõ aos pès de V. Senhoria, ou para que os meus suspiros se fa-
ção

2
ção mais dignos de lhe chegar, acompanhados dos seus clamores, ou porque a minha obrigação senão podia desempenhar sem o tributo de todos: mas tudo ainda pequeno culto para tanto Numen, curta satisfação, para tanta dívida: porém se as Aras não constituem as Deidades, senão os rogos: Se os sacrificios senão recebem pelas victimas, senão pelas vocações, sirvasse V. Senhoria de acceitar este holocausto, não pelas obrigações, mas pelos votos. A pessoa de V. Senhoria guarde Deos muytos annos.

25
D. Leonor Josepha de Menezes.

LICENÇAS DO S. OFFICIO.

Eminentissimo Senhor.

VI esta Relação, Versos, & Sermaõ, consagrado tudo á memoria da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, & me parece competente desafogo da laudade, que se entrem, & talvez modera com estes elogios bem empregados nas grandes virtudes desta Senhora, a que vê curtos os encarecimentos poeticos, & diminutos os louvores panegyricos. Não contem cousa contra nossa Santa Fè, & bõs costumes. Lisboa Occidental, & Congregação do Oratorio 5. de Junho de 1720.

Pedro Alvres.

Eminentissimo Senhor.

VI esta Relação de que trata a petição, & não achei nella cousa, que encontre a nossa Santa Fè, & bõs costumes. S. Domingos de Lisboa Occidental 3. de Julho de 1720.

Fr. Pedro Monteyro.

VIstas as informações pode-se imprimir o Summario da Vida, & morte de D. Leonor Josepha de Vilhena, de que trata esta petição, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa Occidental 16. de Julho de 1720.

Rocha, Fr. R. Lancaestre. Guerreiro. Carneyro. Cunha. Teyxeira.

Pode-se imprimir o Summario da Vida, & morte de D. Leonor Josepha de Vilhena, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 27. de Agosto de 1720.

D. João Arcebispo.



APPROVAÇAM DO PAÇO.

S E N H O R.

POr ordem de V. Magestade vi o *Summario da Vida, & morte da Excellentissima Senhora, a Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, & das Exequias, que na Cidade da Bahia consagrou às suas memorias a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, composto por Sebastião da Rocha Pita, Fidalgo da Casa de S. Magestade, &c.* Esta demonstração funebre mereceo aquella Matrona illustrissima, porque verdadeyramente se fez digna de huma geral estimação. Competiraõ nella os dous mais estimados, & mais difficultos dotes da natureza, a discrição, & a fermosura; mas de tal sorte foy entre ambas duvidosa a competencia, que nenhũa cantou a vitoria, porque sendo fermosa sem affectação, & discreta sem artificio, nem a discrição pode fazer mayor a fermosura, nem a fermosura pode fazer mais subtil a discrição. Estas partes, que em qualquer outro animo poderiaõ causar huma bem desculpada vaidade, era o que menos estimava o desenganado coração de D. Leonor Josepha

5-
pha de Vilhena. O seu cuydado, & o seu estudo
era agradecer a Deos, o que lhe devia com o per-
petuo, & incançavel exercicio das virtudes. Em
todas as suas especies foy Heroína, & por esta cau-
sa serà celebrada a sua fama na veneração das ida-
des, que não duvidarão de a propor como exem-
plar dos mais perfeytos espiritos. Entre todas as
virtudes resplandecerão nella mais heroicamente
a Constancia, & a Piedade. A Constância, com que
soube vencer as adversidades da fortuna, vendo
cortada intempestivamente pela tyrannia da mor-
te aquella soberana flor, a Serenissima Senhora In-
fante D. Isabel Josepha, Augustissima irmã de V.
Magestade, de quem foy Dama com particular
estimação, & como quem melhor entende mais
sente, se mostrou a constancia do seu peyto em
não acabar na violencia de tão alto sentimento,
tambem mostrou aonde chegava a fineza do seu
amor, & da sua obrigação, pois conservandolhe
a vida, toda a sua duração lhe ficava para saudosa-
mente a sentir. A Piedade, com que soube mere-
cer o favor Divino para a justiça das suas petições,
pois sem reparar na sua natural delicadeza, & sem
fazer caso das politicas do mundo, a pè, & descal-
ça visitava os Santuarios da sua mayor devoção.
Não podia deyxar de conseguir o que desejava,
quem combatia o Ceo com machinas tão poderos-

**

fas

fas, tão humildes, & tão pouco usadas. Achando a fama destes prudentes, & piedosos exercicios pequena esfera para a sua grandeza todo o Reyno de Portugal, chegou ás suas dilatadas Conquistas, aonde os que tinham venerado a fama desta Matrona quando viva, mostrarão na sua morte o como sabião sentir hũa perda tão grande. Toda a America Portugueza na sua capital a populosa Cidade da Bahia concorreo para sentimento tão justo, & toda a generosidade de D. Leonor Josepha de Menezes para tão sumptuosas exequias. Da semelhança dos nomes podia nascer esta magnifica profusão, mas eu creyo que teve mais nobre origem, porque as virtudes por hũa força occulta, q̃ insensivelmente se experimenta, em toda a parte se fazem estimaveis, & veneradas. Com hũa só acção celebrou a Bahia as virtudes de D. Leonor Josepha de Vilhena, & as de seu illustre consorte D. Rodrigo da Costa, Governador, que foy daquelle Estado. Não se podia dizer, que os obsequios dedicados á memoria daquella grande Matrona erão lisonjas a D. Rodrigo, porque governou com tanto valor, com tanta justiça, & com tanta affabilidade, que tudo lhe era devido sem sospeyta, porq̃ a grandeza do seu merecimento era acreedora desta, & de outras mayores felicidades. Bem mostrarão os moradores da Bahia o como estavão obri-

gados, & faldosos da suavidade, & inteyreza do seu governo, pois tomando aquelle porto, quando voltava de governar como Viso-Rey o Estado da India, declararão a alegria dos seus peytos nas publicas luminarias, & nas repetidas acclamações, com que o recebêrão. Não erão estas demonstrações aquelles sabidos, & vulgares artificios, com que a industria dos homês costuma lisongear as vontades dos Governadores, que entrão, que tem muytas vezes por consequencia hã arrependimento sem fruto, erão effeytos de huma agradecida sinceridade, com que publicavão a equidade do seu governo, em todas as partes tão prudente, tão recto, & tão admiravel, que pode fer a idea das mais acertadas acções. Parece-me que este papel, em que não vejo clausula contra o Real serviço de V. Magestade, se deve de imprimir, para que constem ao mundo as virtudes de D. Leonor Josepha de Vilhena, & a grandeza de quem com tanta generosidade as mandou celebrar. Nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia aos 15. de Novembro de 1720.

D. Joseph Barbosa.



LICENÇA DO PAÇO.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa Occidental 27. de Novembro de 1720.

Pereyra. Galvão. Oliveyra. Noronha. Teyxeyra.



Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, digna, & amante consorte do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, Governador, & Capitão Geral do Estado do Brasil, & Vice-Rey da India, foy da esclarecida familia dos Mellos em Portugal, & de huma das suas illustrissimas Baronias, que derivada no seu principio, como rio de hũa fecunda fonte, & de hum profundo lago de nobreza, pelo transito de muytos seculos, continûa o seu curso com a mesma grãdeza que traz da sua origem, ou, como rayo vibrado do seu primeyro Planeta, dilata por distantes orizontes o seu resplendor com o proprio lustre, que recebeo no seu oriente. A fidalguia do sangue foy sempre atè no sexo inferior a melhor fiadora das heroicas acçoens; por esta causa as obrãrão tão generosas Lucrecia, & Porcia, hũa da antiga prole de Lucrecio, & outra da familia consular de Catão.

A

Fo-

Foraõ seus pays o Senhor Manoel de Mello, Porteyro mòr, Regedor da Justiça, & Dom Prior do Crato, & a Senhora D. Francisca de Vilhena: nasceo na insigne Cidade de Lisboa, Metropoli da Lusitania, & Emporio do mundo: criou-se com a educação, & exercicios que costumaõ ter as Senhoras do seu illustre sangue, & em idade oportuna foy escolhida para Dama da Serenissima Senhora a Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, escalão por onde sobem às mayores dignidades as Senhoras da superior esfera do Reyno. Com este dignissimo emprego, naquelle mais que humano emiserio, foy hũa das estrellas, em que melhor brilhárão as luzes dos seus Augustos Planetas, & mais se comunicáraõ os seus reaes influxos; & alcançou cabalmente o agrado Real da Serenissima Senhora Dona Isabel Infante de Portugal; porque a simpatia dos genios, & das virtudes, congelinou aquellas duas almas com o mais estreito laço, com que o amor podia unir os dous extremos de Princesa, & de Vassalla.

Com estas prerogativas servio, atè que Deos nosso Senhor escolheo, & chamou a Serenissima Senhora Infanta para mayor gloria no Ceo, da que podia lograr na terra, ausencia que com inexplicavel sentimento lamentou toda a nação Portuguesa, assim pela natural fidelidade com que ama,

ou idolatra ao Augusto sangue dos seus Monarcas, como porque o elevado entendimento, o animo pio, & as Reaes virtudes, de que se cõpunha aquella inculpavel vida, ainda em outro logeyto separadas da Magestade, consiliavaõ a mayor veneração.

Fez este cruel golpe no coração amante da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena tão viva impressão, que entregando-se às jurisdições do sentimento, se vio repetidas vezes, não só entre os poderes, mas entre as mesmas dores da morte. Não admittio por largo tempo nenhum genero de alivio, nem deo attenção a varios tratos de vodas, que se lhe propunhaõ; atè que tendo-a Deos destinada para espõla do Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa, aceyitou o conforcio deste Heroe com universal applauso, conhecendo o acerto desta uniaõ, não só os que a festejáraõ, mas ainda os que a pretendèraõ.

Neste feliz hymineo foy crescendo o reciproco affecto dos consortes, assegurado com o penhor dos caros, & desejados filhos, que são as prendas com que a natureza aperta os vinculos do amor conjugal, que tem a propriedade dos troncos, ou das vides; que com os frutos se fazem mais robustos, & se enlação mais firmes. Quando começou a fortuna a mostrar a variedade com que perturba

o mais seguro estado das cousas humanas, & o disfavor com que alterna a gloria das suas mayores felicidades ; porque sendo preciso aos augmentos do Reyno occupar o talento grande do Excellen-tissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, em relevantes empregos nas regioens mais remotas, ou nos membros mais apartados, que por todo o ambito do mundo compoem o vastissimo corpo do dilatado Imperio Portuguez, & abraça o estendido circulo da sua Coroa, & requerem tanto mayor cuidado, quanto mais distantes ficão do coração da Monarquia, o levou o merecimento, & a obediencia, hũa vez ao Brasil, & outra á India, surcando longos mares, & atropellando perigos, que ainda depois de passados, poderiaõ causar susto ao animo mais intrepido.

Neste successivo serviço, fazendo á sua casa largas, & repetidas ausencias, poz á sua querida esposa em desvelladas soledades, pois no curso deste penoso tempo tudo erão no seu amor lembranças, na sua consideração receyos: a inconstancia das ondas, a differença dos climas, a distancia dos lugares, a contingencia dos casos lhe representavão hum câos de horrores; sendo estas fantezias as armas, que forjadas na confusa officina da sua imaginação, lhe affaltavão de tropel ao peyto, & ferindo-lhe o coração, chegavão a rasgarlhe a alma:

ma: já lhe não dava tanto combate a pena da ausência, como a do perigo, fazendo-se tão raro o genero do seu martyrio, que lhe ficava sendo a saudade o menor tormento.

Esta continua luta de pensamentos lhe foy limando o vigor do alento, & adelgaçando o fio da vida, de tal sorte, que quando tornou a ver presente o objecto dos seus cuydados, a bataria q' elles lhe tinham feyto, não deyxou forças ao seu coração, para lograr o contento de tão suspirada companhia, como quando o corpo humano enfraquecido, pela falta do necessario apetecido alimento, em chegando a receber a proporção da vontade, não só o não nutre, mas o arruína. O mesmo experimentou esta Excellentissima Senhora, pois chegando a Lisboa o seu saudoso consorte triunfante dos perigos, & cheyo de laureis, não pode muyto tempo resistir ao alvoroço, que no seu peyto fazia esta extremosa alegria; porque quiz a natureza, ou a fortuna, darlhe a gloria de morrer pelo seu amor, com lhe offerecer novo accidente, em que perdendo a vida, acrisolasse todos os extremos do seu affecto.

Foy este a perigosa enfermidade, que em breves dias da chegada do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa á Corte, o acometeo com tanta molestia, & tão grande força, que se chegou a

desesperar da sua melhora, & a temer a sua morte: nesta oppressão foy tão cõtínua a assistencia da Excellentíssima Senhora D. Leonor, tal o seu desvelo, tanto o seu temor, que nas diligencias da cura, no alivio do enfermo, no recurso dos Santos, obrou tão nunca vistos excessos, que elles lhe acabáram de esgotar os já exhaustos alentos, & lhe tiráram de todo aquella heroica vida, benemerita de eterna duração. Mas se foy breve no curso, foy no exemplo muy dilatada.

Naõ vive mais quem mais dura, senão quem melhor obra: naõ se contou à Simiramis a vida pelos annos, senão pelos triunfos: a Dido a duração pela idade, senão pelas acçoens: a Raquel o tempo pelas primaveras, senão pela fermosura: as prerogativas fazem os seculos, as virtudes constituem a eternidade; & por esta conta os poucos lustros desta Heroína foraõ muy largos annos, & o seu tempo breve lhe compoz hũa longa idade.

Faltou finalmente a companhia ao esposo o Excellentíssimo Senhor D. Rodrigo da Costa, mas naõ se sepultou com ella o amor; porque nos retratos de tres bellissimos filhos, lhe deyxou repartida em mais copias a sua imagem, & substituido em mais vidas o seu original: & se deyxou de ser presente á creação daquellas amorosas prendas, naõ fez falta á sua educação, pois nas suas memorias

podem ellas aprender a melhor doutrina, & pelo seu exemplar, compor a mais verdadeyra idea do melhor, & mais heroico procedimento, & chegar ao cume da mais gloriosa fama.

Foy o seu falecimento em treze de Junho, dia do glorioso Santo Antonio de Lisboa, que tendo a sua mesma patria por nascimento, lhe deo para o transito o seu proprio dia! Chegou brevemente a triste nova da sua morte a esta Cidade da Bahia, cujos moradores obrigados aos beneficios, que lhes resultou do grande governo do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, acompanhãrão a sua pena com sentidas lagrimas. Mas cõ mayor extremo a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, esposa do Secrerario do Estado Gonçalo Ravalco Cavalcanty & Albuquerque, a qual recebendo innumeraveis honras da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, quiz juntar as demonstraçoens de agradecida, ás obrigações de amante, fazendo-lhe hũas solemnes exequias, & levantando lhe hũ decente tumulto, cuja fabrica, & desposição encarregou ao Secretario do Estado seu esposo.

Determinou que este acto se celebrasse na Casa da Santa Misericordia, que por ser a caridade hum dos attributos daquella Excellentissima Senhora, esta virtude sua tão subida em nenhum outro

trò sagrado teatro podia ser com tão propria imitação representada. Tem algũs lugares identida-
de com algumas acções: em o Templo da Deosa
Concordia fazião os Romanos os publicos con-
selhos para os ajustes da paz, & no da Deosa Bel-
lona os pertencentes às disposições da guerra.

O tumulo, ou cenotafio, (cuja perfeição, &
grandeza, não se pôde cabalmente dar a conhe-
cer, a quem o não vio, nestes borrões,) era de ar-
quitectura corintia: tinha de alto quarenta & cin-
co palmos; de frente vinte & quatro, & trinta &
dous de fundo: assentava o primeyro corpo em hũ
plinto de hũ palmo de alto, ornado com trinta to-
cheyras de prata, em que estavam outros tantos
brãdões de cera: sobre o qual hia hũ degrao de tres
palmos, em q̃ descansavão doze quartellas de oy-
to: ficavão estas quartellas duas em cada hũ canto,
& hũa no meyo de cada frente, que formava, &
dividia dous payneis em cada face: entre as quar-
tellas dos cantos hia huma engra, que as apartava
reſalteada para ambas as partes, de largura de hũ
palmo, acabando este primeyro corpo com vasa,
& ſotavaſa na fórma da ordem corintia.

Sobre este se formava o segundo corpo, &
principiava em oyto pedestaes de cinco palmos
de alto, & dous nos cantos: nelles se assentavão
outras tantas colunas retrocidas, que com baze, &

capitel tinham onze palmos & meyo, recebendo hum cornijamento de tres & meyo, que se compunha de cornija, frizo, & arquitrave, da mesma architectura corintia: nos intercolumnios dos cantos hiaõ as proprias engas resalteadas, que apartavaõ as colunas, & junto a ellas pelas partes das frentes os pilares, que formavaõ hum arco abatido em cada face: em correspondencia de cada columna estava hũa piramide redonda, que tinha nove palmos de alto, em pedestal, bojo, & garganta: em cima do cornijamento descãçava o zimbório, que tinha oyto palmos, & rematava em hũa peanha de cinco.

No vaõ, que nesta fabrica de cima formavaõ as colunas, & arcos, se levantava o corpo do meyo, composto de tres corpos, dos quaes o primeyro tinha de alto quatro palmos, de largura doze, & dezoyto de fundo: o segundo se formava de doze quartelas, de cinco palmos de alto, duas em os cantos, & hũa em cada frente: tinha de largo nove palmos, & quatorze de fundo: o terceyro, & ultimo corpo que assentava em hum degrao de hum palmo, era de oyto quartelas, que tinhaõ de alto quatro palmos, seis de frente, & doze de fundo, sobre o qual jazia a urna, ou tumulo, que tinha quatro palmos de alto, tres de largo, & oyto de comprido.

Toda esta maquina se vestia de lustroso gorgoraõ de seda negra, com guarnições, & labores de flamante galaõ de ouro, formando em seus proprios lugares, & por todas as quatro frentes do Mausoleo muytos ramos, & varios floreoẽs, tambem tecidos, que pareciaõ bordados. Estava o vaõ da cupulla, ou zimborio forrado da mesma seda com galaõ de prata, vestido o corpo do meyo, que lhe ficava debayxo de l`o negro com flores de ouro, cobrindo a urna, ou tumulo hum rico panno de l`o encarnado, com ramos, & franjas de ouro.

Em todas as quatro faces se via, como fexo de cada hum dos arcos, hũa tarja com hum escudo, composto das armas de ambos os consortes, em testemunho do seu perpetuo vinculo, que une, naõ só as pessoas, mas tambem as empresas.

Floreciaõ no tumulo com funebre verdor, & pompa triste muytos ciprestes, a quem deo a natureza por representação a malenconia, & a arte por terreno a sepultura.

Sobre o zimborio, rematava toda a fabrica formado de vulto hum simulacro, que com o index de hũa mão posto na boca conciliava o silencio, & com o de outra apontando ao tumulo, estimulava a vista; sendo difficil preceyto ver, & callar, aonde aos olhos despertos de tantos Argos, acompanhavaõ os suaves lamentos de tãtos Cifnes: po-

rêm a vista que pedia, eraõ prantos, & o segredo que propunha, eraõ respeytos.

Não se puzeraõ neste Cenotafio outros gongolíficos, & estatuas; porque da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena as prerogativas foraõ os emblemas, & as virtudes substituíraõ as imagens, impressas nas memorias, & vivas nas laudades.

Mais de trezentos fogos resplendeciaõ no tumulto, & alumiauaõ o Templo, com huma tambem ordenada confusaõ de luzes, que senaõ distinguia, se eraõ tochas, que brilhavaõ, ou estrellas que ardiaõ.

Estava toda a Igreja desde o pavimento atè o tecto cuberta de negro, primorosamente guarnecida de galões de prata, vestidos os Altares de veludo, & brocado roxo.

Sendo este grave espectaculo hũ fatal desengano da vida, formava a sua fermosa perspectiva hum taõ agradavel objecto aos olhos, que em delicias da vista, se trocavaõ os horrores da imaginação, & se a morte pode ter lugar ameno, este era o seu tempo.

Em a matina do dia trinta de Outubro deste presente anno de mil setecentos & quatorze, o porfiado dobrar dos fins deo sinaes do acto, que principiou com grande numero de Missas, em que

luzirão a devoção, & a liberalidade, & se celebrá-
rao as exequias officiadas pelo M. Reverendo Ca-
bido, acompanhado dos Beneficiados, & Capel-
lães da Sè, & da Misericordia, com muytos còros
de Musica, em cujo concurso, sendo tudo hũ su-
ave conflato de vozes, fazia hum saudoso concen-
to de armonia.

Affistio na primeyra tribuna o Excellentissi-
mo Senhor D. Pedro Antonio de Noronha, Mar-
quez de Angeja, Conde de Villa Verde, dos Con-
celhos de Estado, & Guerra, Vèdor da Fazenda,
Vice-Rey, & Capitão General de mar, & terra da
India, & do Brasil, a quem o sublime nascimento,
& o inclito valor, pozerao nas mãos as redeas do
governo das mais dilatadas porções do mundo, &
a fortuna aos pès os despojos das mayores Con-
quistas, não deyxando aos antecessores nestes al-
tos empregos nada por competir, & dando aos
successores muyto que imitar; cujo suave poder
tem obrado no Brasil em poucos mezes de domi-
nio, tudo quanto se podia conseguir em muytos
annos de imperio: & achando estas Provincias
perturbadas de alterações populares, & desuniões
domesticas, a todas poz em segura paz, fechando
as portas a Jano, & abrindo-as á felicidade dos sub-
ditos: & honorificou este acto com as preeminen-
cias da pessoa por tantos titulos grande, & com

os lutos de parente, por tantas razões sentido.

Na propria tribuna lhe fez companhia, com a gravidade da veneranda presença, & com o sagrado da alta Dignidade, o Illustrissimo Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo Metropolitano deste Estado, cujo elevado entendimento, & incançavel animo (a todas as luzes grãde) a pezar dos annos, & dos achaques, lhe estão sempre substituindo as forças, para não faltar às attenções, sendo esta na presente occasião, não só devida a grande respeyto, mas tambem tributo á estreya amisade.

A nobilissima Mesa da Santa Misericordia esteve no seu custumado, & decente lugar congregada, concorrendo com a sua assistencia para a celebridade do acto, & pagando com esta fineza a escolha, que da sua casa se fez para esta acção.

Nas demais tribunas, no coro, & nos outros lugares da Igreja, se acomodáraõ varios Ministros, Prelados, & Religiosos de todos os Mosteyros, & Conventos da Bahia: quasi toda a Nobreza, & muyta parte do povo, que no pavimento do Templo se pode introduzir, não obstante as muitas defensas que por evitar algũa desordem se lhe poz.

Pela queyxa com que ainda se achava S. Illustrissima, mal convalecido de hum molesto acha-

que, não pode celebrar a Missa, a qual disse o Doutor Sebastião do Valle Pontes, Dignissimo Deão da Sè da Bahia, Chanceller da Relação Ecclesiastica, Varaõ notavel, & pelas raras virtudes, & grandes letras benemerito de mais relevantes lugares: assistiraõ-lhe por Diacono, & Subdiacono dous authorisados Capitulares.

No fim della entrou a orar o Doutor João Calmon, Dignissimo Chantre da mesma Sè, Commissario do Santo Officio, & da Bulla da Cruzada, Desembargador da Relação Ecclesiastica, sogeto por prendas dos demais quilates, & por procedimento dos de mayor supposição, & dos mais scientes, & discretos Oradores deste Estado.

Com este largo, & discreto periodo, & com os Responsorios, teve fim esta acção na celebridade, porém não na lembrança, onde o motivo deposita tanto mais seguramente os sentimentos, quando se vem mais acompanhados da admiração.

As imagens da memoria se reformão pelos espectaculos da vista, & o assombro estimula a imaginação. Tudo nos quiz representar nesta Scena a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, matrona, em quem se competem, em elevado grao a nobreza do sangue, & a piedade, & a grandeza do

ani-

animo. E se os Romanos levantáram hum Templo a Nenia, porque fazia suffragios aos mortos: Se a fama deo tantos cultos a Artemiza, porque edificou o Mausoleo; com razão deve a Patria levantar a esta Senhora hum estatua, & o mundo dar ao seu nome hũa grande veneração.



VER



VERSOS DO CORONEL

Sebastião da Rocha Pitta.

*Notumulo, & exequias da Excellentissima Senho-
ra D. Leonor Josepha de Vilhena.*

S O N E T O.

E Ste formoso horror, esta clausura,
De luz no Ocaso posta, he monumento,
Sempre da vida horriavel sentimento,
E hoje escandalo triste da ventura.
Mostrou tyranno imperio a sepultura,
Pois aqui transformou seu duro acento,
Em ludibrio, em ruina, & desalento,
A' nobreza, ao valor, & á fermosura.
Cabe emfim de Leonor a humana gloria,
No sepulchro, & não cabe com verdade,
Na tradição, no hyperbole, & na historia.
Mas logra atè na morte o ser Deidade,
Pois tem cultos nos templos da memoria,
Sacrificios nas Aras da saudade.



DO MESMO AUTHOR.

*Epitafio à Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilhena.*

S O N E T O.

FOy Leonor no mayor Reyno gerada,
Das prendas mais gentis enriquecida,
Do mais illustre sangue produzida,
Com o melhor consorte desposada.

Deyxou a descendencia mais amada,
A mais famosa Corte enternecida,
Logrou em curso breve heroica vida,
E foy com longo pranto sepultada.

O concurso de gloria relevante,
Que lès neste Epitafio sem segundo,
Não acharás em outro, oh caminhante.

E nota que ao cadaver tão fecundo,
Que em pouca terra jaz na Patria amante,
Lhe dá por urna a fama todo o mundo.

DO MESMO AUTHOR.

Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa.

S O N E T O.

Senti, oh grande Heroe, que na grandeza,
 Cabe tambem das ancias a profia,
 E em contendas de affecto, & valentia,
 He razão que ao valor vença a fineza.
 São as acções contrarias desta empreza,
 Huma quimera, & outra simpatia;
 Resistir ao amor he fantasia,
 Ceder ao sentimento he natureza.
 Propender ao valor mais que ao tormento,
 Fora, mais que inteyreza, crueldade,
 Que arrastara ao poder do sentimento.
 Pois ninguem deve amando na faudade,
 Dar attenções aos creditos do alento,
 E faltar aos impulsos da vontade.

DO MESMO AUTHOR.

Ao cadaver em os lumes, & aromas do Mausoleo.

D E C I M A S.

B Ellesa Ufana, & rendida,
 Que tês por obsequio, ou sorte
 Toda entre luzes a morte,
 Toda entre sombras a vida:
 Marchita rosa, & lufida,
 Que com aromas, & ardores,
 A hum quadro de mortas cores,
 Fazes em globo sucinto,
 Ou de luzes laberinto,
 Ou constellação de flores.
 Entre alentos, & desmayos,
 Tês em theatro de horrores
 Atè nas cinzas fulgores,
 Atè no sepulchro rayos:
 Parecem da vida enlayos,
 Ou são da morte cautelas,
 Pois atè nas sombras bellas,
 Com que o teu occaso inflammas,
 Es Feniz ardendo em chammas,
 Es Sol dando luz a Estrellas.

DO MESMO AUTHOR.

Ao Mausoleo.

ROMANCE.

NOble aparato engañozo,
 Que con luz infausa brillas,
 Para el dezeo esperança,
 Para el alivio mentira.
 Idea triste, que elevas,
 Caduco aliento, que inspiras
 Un dolor, todo verdad,
 Un bien, todo fantezia.
 Espectaculo, que alientas
 A la memoria, y la vista,
 Y por imagenes hablas,
 Unas muertas, y otras vivas.
 En quantas formas ostentas,
 No conoce quien te mira,
 O si está la noche hermosa,
 O si está nublado el dia.
 En el cadaver que guardas,
 A un muestran, que estan con vida,
 Todo el valor en desmayos,
 Toda la lumbre en cenizas.

Trofeos son de la Parca
 Quantos horrores animas,
 Despojos de la hermosura
 Todas las luzes que vibras.

De la belleza, que tiene
 Este Planeta, que eclipsas,
 Cortò la muerte sus galas,
 Hizo sus pompas la Pira.

Hallò toda sua ganancia,
 La muerte en esta ruina,
 Que solo despojos tales,
 Pudieron dexarla rica.

Pero si esta gloria en ella,
 Nò fue valor, sinò dicha,
 Blazone de venturoza,
 Sin presuncion de atrevida.

Pero que importa, oh sepulchro,
 Que en tu vanidad profigas,
 Si ha de acabar con el tiempo,
 Tu gloria, o tu tyrania.

Y Lionor viste esplendores
 En suprema esfera altiva,
 Nò como Planeta errante,
 Sinò como Estrella fixa.

Y està logrando en el Cielo,
 Con otro amor mas dilicias,
 Sin tributo de las penas,
 Sin pencion de las envidias.



Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo
da Costa.

S O N E T O.

*Do Padre Manoel Ferreyra da Luz, Promotor
do Arcebispado da Bahia.*

LEvanta a voz Rodrigo, ò Varão forte,
Descobre o teu valor no peyto armado,
E verão sem questão determinado,
Que o amor já venceu a cruel morte.
Pode esta pòr leys da humana sorte,
Defunir o composto mais amado,
Mas não pode offenderlhe o animado,
Já seguro no peyto do consorte.
Por teu esforço digno de memoria,
Se conserva o melhor da fermosura,
Com applausos notaveis para a historia.
Logra pois, fiel peyto, essa ventura,
Em que alcança Leonor eterna gloria,
Solta, por mãos da morte, da clausura.



A' mysteriosa Est atua sobre o Tumulo.

SONETO.

Do mesmo Author.

Silencio no alto monte, Amor pedia,
 Das ruinas que o valle lhe occultava,
 E quando assim suspenso se callava,
 Mais o effeyto do estrago descobria.
 Sentido ao alto monte Amor sobia,
 A chorar o que o valle sepultava,
 E quando o grande culto celebrava,
 Então o punha aos pès, & não o via.
 Oh callem! que ao seu Sol já recolhido,
 Se inclinava a attenção tão applicada
 Ponderando no Ceo culto lufido.
 E se com tanta gloria está elevada,
 Não se admira no monte de sentido;
 Pede attenção a todos admirada.



*A's exequias da Excellentissima Senhora Dona
Leonor Josepha de Vilbena.*

S O N E T O.
DO MESMO AUTHOR.

A Promessa que fez Jacob jurada,
A cumprio, com o culto prometido,
Joseph seu filho amante, & o mais querido,
No sepulchro em a terra affinalada.

Depois daquella acção já celebrada,
Convocado o concurso mais lufido,
Fez em Arca a seu pay culto devido
Nas exequias da dor mais pranteada.

No culto de Leonor mais se sentia,
Sem preceyto, o empenho da tristeza,
De Rodrigo que longe lhe assistia:

E foy tal este excesso de grandeza,
No pranto dos mayores da Bahia,
Que deo regra ao primor, alma à fineza.

D

A' pro-



*A' prodigiosa vida, & morte da Excellentissima
Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena.*

O Y T A V A S.

Do mesmo Author.

A Acção me move Amor, o entendimento
A julgar, que Leonor resuscitada,
Fez triumpho da morte, & do tormento,
Passando a essa gloria eternizada.
Notem todos na Estatua o pensamento,
E verão que no tumulto admirado,
Reconhece o mysterio por figura,
Que a Maria pasmoou na sepultura.
O famoso Orador o ha explicado,
Ou ao menos bem claro o pronostica
Na observancia das letras, que ha citado,
De Leonor donde a morte certifica.
Deyxando o vaticinio acreditado,
Como a pura verdade o testifica,
Contra os golpes da morte que esperada,
Fica a vida mais certa, & dilatada.

Joan. cap.

10. 11.

Matth.

28. a 1.

Marc. 16.

a 5.

Luc. 24. a

4.

Senec.

epist. 30.

Mas

Mas que muyto, se a grande caridade,
 E amor a fazião tão unida,
 Com os justos preceytos da verdade,
 Sem receyos de dar a propria vida:
 Toda foy para os actos de humildade,
 Com que a amada pobreza era servida,
 Tè que em sono ficou toda elevada
 Que assim passa hũa vida que he ajustada.
 A peste por David foy escolhida,
 Por mayor dos tres males, que alcançava,
 E Leonor sem ter medo punha a vida,
 Servindo o hospital, onde ella estava:
 A escolha de David era devida,
 Leonor sem preceyto se obrigava,
 Pondo em riscos a vida do espolo,
 Que a seus rogos servia muy zeloso.
 Raro exemplo he o que iguala tanta dita,
 Foy assombro Leonor na caridade,
 Que imitando a de Deos toda infinita,
 Se fez centro da mesma piedade:
 Exemplo em que a grandeza se recita,
 Segura no temor na adversidade,
 Sem receyos da dor, da dura sorte,
 Que os não teme o que cuyda bem na morte.
 A morte que se oppoem sempre ao soccego,
 executa o seu golpe sem piedade,
 Tyrannizando a vida com despego,

D ij

Sem

Deur. 312

X6.

2. Reg 7.

12.

3. Reg 2.

10. 11. 21.

43. 14. 10.

Sap. 3.

Matth. 9.

24.

Joan. 112

11.

Act. 7. 6.

13. 36.

1. Cor. 11. 2.

29.

1. Then.

4. 13.

Reg. 2.

cap. 14. 14

Par. 11. 6.

13.

Dan. 13.

cap. 23.

Senec. 2.

epist. in

fine.

Sem exceção, primor, fé, lealdade:
 Mas na grande Leonor não fez emprego
 Por decreto, & poder da Divindade,
 Pois se morte não ha sem dar disgosto.
 Da virtude só nasce puro gosto.

Senec.
 epist. 17.

Genet.
 cap. 1.2.4.
 vcrf.

Marc. 12.
 1. Cor. 13.14.

Deut. 31.
 16. 2.
 Reg. 7. 12.
 3. vcrf.

Senec.
 epist. 17.
 Luc.

Adoeceo Rodrigo esposo amado,
 E como Leonor seu mal sentia,
 Para o mal era hum corpo o magoadado,
 Quando hũa, & outra alma o padecia:
 Oh firme, & tanto nò, que por Deos dado,
 Taõ reciproca faz a companhia,
 Que não podem ser socios com verdade,
 Não se amando, & não tendo caridade.

Amante Leonor em romaria
 Descalça á Mãe de Deos assim fallava:
 Que na vida do esposo mais perdia,
 Que na sua que logo alli deyxava:
 E quando a sua morte assim pedia,
 Porque o esposo da morte se livrava,
 Achou em melhor vida eternidade
 Onde os justos não tem mortalidade.



Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo
da Costa.

S O N E T O.

Do Capitão Thomè Monteyro de Faria.

NAs faudades de amor, puro, & constante,
Pena Rodrigo, & chora amargamente,
Todo vivo no impulso com que sente,
Quasi morto na chaga penetrante.
Innunda em copioso pranto amante,
Porque o tropel da dor, do mal a enchente,
Contrastando a hũa vida tão valente,
Já não cabem num peyto agonizante.
Exhalla o coração em tal espanto,
Que nos golpes da pena repetida,
A hum tempo vive, & morre com encanto
Porque no grande horror desta ferida,
Não pode o peyto represar o pranto,
Nem pode o pranto destilar a vida.



*Em que se pondera aos Excellentissimos Confortes
dous esclarecidos Soes , hum nascido , &
outro posto.*

SONETO.

DOus Soes a illuminar esclarecidos
Na Europa se admiráraõ sublimados,
E tanto que luzirão admirados,
Da propria luz ficáraõ suspendidos.
Sendo assim, que não podem ser luzidos,
Na terra dous Planetas encontrados,
Para luzir se viraõ apartados,
Para brilhar se viraõ despedidos.
Suspenda pois a magoa o seu imperio,
Cèsse o funebre pranto, o èco triste,
Triunfe nos corações altivo o gosto;
Porque sendo dous Soes neste emisferio,
Hum nascido na terra nos assiste,
Outro no Ceo com gloria se vê posto.

Saudo-



*Saudosa exclamacion del Excelentissimo Señor D.
Rodrigo da Costa al funebre tumulto, en que
yaze el Excelentissimo cadaver de la in-
clita Señora D. Leonora Josepha
de Villena su Esposa.*

R igooso, y funesto monumento,
O rnato, que a mi pecho solo imitas,
D ime porque a los ojos oy me quitas
R ayos, que al coraçon me dan aliento?
I nclita Esposa, en cuyo lusimiento
G lorias gofava amor, si a llanto excitas,
O y si no es en mi alma, donde habitas?
L lebanta al Cielo alegre el pensamiento,
E clipfar no permitas dõs estrellas
O jos que me alentavão, dulce Esposo
N o llores, canta el triunfo, y la vitoria
O h! que se alla gofè tus luses bellas
R utilante oy eternamente gofo
A stro, lus, Sol, Planeta, Cielo, y Gloria.

Repus
esta,

Ala

*Ala Excelentissima Señora D. Leonor Josepha de
Vilhena en su muerte.*

S O N E T O.

De Juan de Brito & Lima.

EN activo arrebol, en pira ardiente,
El Arabico paxaro procura,
Reduziendo a cenizas su hermosura,
Posterizar su vida eternamente.
Como Fenix la hermosa Leonor siente
De la muerte cruel la pena dura,
Hallando en sus estragos la ventura,
En su fragilidad ser permanente.
Vivir para morir es ley sabida,
De que nadie se exime por mais fuerte,
Rigorosa pencion de nuestra vida;
Pero Leonor, con mas divina suerte,
Muriò, para vivir como entendida,
Sacando nueva vida de la muerte.



Al mismo intento

SONETO.

Por el mismo Author.

H Ero infelice Piramo impaciente
 Al mar se arroja, mata se ignorante,
 Sin que tengan los dos fuerça bastante
 Para sentir tormento tan vehemente.
 Muere Leonor, ya un que Rodrigo siente
 En su pecho dolor tan penetrante,
 Vivir desea eternamente amante,
 Para que lllore amante eternamente.
 La muerte pone termino al tormento;
 Quien es, por no penar, de si homicida,
 Solicita a la pena algun contento.
 Fue fineza en Rodrigo mas subida,
 Entregando la vida al sentimiento,
 Al sentimiento nò entregar la vida.

*A' morte da Excellentissima Senhora D. Leonor
Josepha de Vilhena nas suas exequias, sup-
pondo-se fallando o Excellentissimo Se-
nhor D. Rodrigo da Costa com o tu-
mulo, por anagramas de am-
bos os nomes.*

SONETO I.

Do mesmo Author.

Rico thesouro, donde a luz mais pura
Ro caso achou com funebre tristeza,
Rame as cinzas que guardas da belleza,
Reliquias desprezadas da ventura.
Rulgas por seres pedra, que a brandura
Ro alar da agua não pode essa dureza:
Rs meus olhos serão para esta empreza,
Ro engano total, que espouco dura.
Rs lagrimas continuas farão logo
Ro tanto me negas, augmentando a magoa,
Ro seres tão cruel a tanto rogo:
Re julgas poucas faõ, do peyto a fragoa,
Rantos incendios lançará de fogo,
Ro tẽ que te desfaça a fogo, & agua.

SONETO II.

Do mesmo Author.

D. eposito de horrores, que abatidas
 L. ogra as cinzas mais authorizadas,
 E. ra melhor que fossem sepultadas,
 O. nde da morte foraõ divididas.
 N. ão será pouco bem vellas unidas,
 N. utra vez a meu peyto tresladadas
 J. ecobrando os alentos abrazadas
 O. á no seu fogo Feniz renacidas.
 O. h se chegaras tal a concederme,
 N. elos á morte dera por vingarme,
 E. em que gloria mayor podera verme?
 P. orèm quando este bem não queyras dar-me
 P. ey de unir a essas cinzas, sem deter-me,
 A. s cinzas em que amor ha de abrazarme.

A la Excelentissima Señora D. Leonora Josefa de Villena, suponiendo la flor por la hermosura, y poca duracion que tuvo su vida.

Mote alheyo.

Aprended flores de mi
Lo que vâ de aher a oy,
Que aher maravilla fuy,
Y hoy sombra mia a un no foy.

G L O S A.

Del mismo Author.

Hermosas desvanecidas,
Flores del mundo loçano,
Si haveis de morir temprano
Porque sois tan presumidas?
No hagaes firmeza en las vidas,
Que es muy loco frenesi:
Ved flores que yo feneci
En el verdor de mis años,
Y pues os doy desengaños,
Aprended flores de mi.
Una flor muerta os avisa,
Cada qual mire su error,

Que

Que puede agora ser flor,
Y mañana ser ceniza.

Ufana vivi con riza

Aher, pero oy muerta estoy,

Y puede ser lo que oy soy

Mañana qualquiera vana,

Porque ha de ir de oy a mañana

Lo que vá de haera oy.

No presumaes de hermosura,

Flores vanas, sin consejo

Miraos en mi, como espejo

Y vereis vuestra locura.

Que importa aqueſſa blancura,

Que os haze aqueſſe carmi,

Si los que me ven a mi

Palida, marchita, y muerta

Notienen por coſa cierta

Que aher maravilha fui.

Pues fui mas que maravilla,

Porque fue tal mi hermosura,

Que hizo sombra a la luz pura

Del Planeta, que mas brilla,

La Parca, que todo humilla,

Me dá deſengaños oy,

Y tan demudada estoy

De mi paſſado arrebol,

Que haziendo sombras al Sol

Oy sombra mia a un no ſoy.

Ala

A la muerte de la Excelentissima Señora D. Leonor
 Josefa de Vilhena, en el dia de sus exequias,
 en cuyo Mauzeolo se puso la figura del
 silencio sobre el zimborio.

Mote alheyo.
 Solo el silencio testigo
 Ha de ser de mi tormento,
 Ya un nò cabe lo que siento
 En todo lo que no digo.

G L O S A.

Del mismo Author.

E Naqueste Mauzeolo,
 Urna triste de Leonor,
 Para ser mas el dolor,
 Se mira el silencio solo.
 Aunque quanto ilustra Apolo
 Me acuse, porque no digo
 El mal, que callar me obligo;
 Se el callares mas finesa,
 Sea pues de mi tristesa
 Solo el silencio testigo.
 Si la pena por aguda
 La lengua nò la publica,

Mejor

26
Mejor a la pena explica
Aquella figura muda:
Callar la lengua no duda,
Con gusto, el dolor que siento,
Que se callando le aumento
El mal que mis gustos pausa,
Por alivio aquesta causa
Hade ser de mi tormento.

Muerta aqui Leonor se advierte,
Por esso el silencio triste
Mudo Coronista assiste
Al funeral de su muerte.
Donde el silencio es tan fuerte,
Callar devo mi tormento,
A' costa del sofrimiento,
Bien que en mi coraçon hallo
Solo cabe lo que callo,
Ya un no cabe lo que siento.

En tan horribles enojos,
En tan horrible pesar,
Siendo preciso callar
Por la lengua hablen los ojos:
Rindan liquidos despojos
A mi dolor enemigo,
Ya que otro bien no consigo,
Y el silencio con primor
Explicarà mi dolor
En todo lo que no digo.

Ad



Ao sumptuoso Mausoleo que mandou fazer a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, para as exequias da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena.

DECIMA.

Do mesmo Author.

E Sta elevada grandeza
 Deposita com primor,
 Se as cinzas de hũa Leonor
 De outra Leonor a fineza.
 O garbo, a galla, a belleza
 Em nada jaz reduzida,
 Ostentando agradecida
 Leonor, de Leonor na sorte,
 Entre os horrores da morte,
 As obrigações da vida.

Episa.



Epitafio na morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena, mulher do Senhor D. Rodrigo da Costa, Vice-Rey que foy do Estado da India.

S O N E T O.

A Qui jaz quem Sol foy da fermosura,
 Aqui jaz quem foy pasmo da belleza,
 Aqui jaz quem no mundo sem firmeza
 Retrato foy da flor, que menos dura.
 Já de affombros acaba a luz mais pura,
 Já de sombras a veste a natureza,
 Já rendida da morte com certeza
 Por despojo se vê na sepultura.
 Da fermosura pois Sol eclipsado,
 Se pasmo da belleza amortecida,
 Se viva luz sem sombra mallograda.
 Sois no mundo thesouro sepultado,
 No Ceo sereis estrella mais luzida,
 Na gloria sereis luz mais apurada.



*Queyxa-se o Heroe mais constante da sorte, porque
lhe conserva a vida, na morte do sogeyto mais
amado, na falta do bem mais para
sentido.*

S O N E T O.

Pelo Lecenciado Antonio Lopes de Ulboa.

TYranna Parca? rigorosa sorte?
Traydora, que sem alma me deyxaste?
Como se ontem a vida me tiraste,
Intentas hoje dilatar-me a morte?
Se para hum bem roubar-me, o duro corte
De teus agudos fios apressaste,
Como agora cruel, os embotaste,
Sòmente porque sinto o mal mais forte?
Mas já vejo que em magoas tão notorias;
O teu poder, ò Parca, me condena,
A viver entre as mais tristes memorias.
Porque quer teu rigor, & o Fado ordena,
Que para mais sentir passadas glorias,
Não perca a vida na presente pena.

A' im-



*A' immortalidade da Senhora D. Leonor Josepha
de Vilhena.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

D Etem o passo, ò caminhante, attende,
Ouve, repara, & reverente espera,
Chora, suspira, admire, & venera
Essa Pira, que os animos suspende.
Se por tumulto a tês adverte, & entende,
Que inda que lutos vista a nova esfera,
Em que o Sol mais luzido reverbera,
Supposto que occultar a luz pertende.
Mas não he muyto esfera seja agora,
Quem da mayor belleza he monumento,
E quem Leonor illustre em si a thesoura,
Que para ser dos seculos protento,
Quando morta a julgou Clara traydora,
Então mais viva está no Impireo assento.



A' morte da Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

Nessa Pira funesta em cinza fria,
 Convertida se vê toda a belleza,
 E hoje paga pensoes á natureza
 Quem tributos pedirhe ontem podia.
 A mesma que no illustre ontem vencia
 Da Europa o mais lufido da nobreza,
 Prostrada já por terra essa grandeza,
 Hoje se vê sem pompa, & fidalguia.
 Alerta pois mortaes ! toda a vaidade
 Desterre de seu peyto o que procura,
 Viver feliz por toda a eternidade.
 Pois sabe não escapa á Parca dura,
 Nem o lustre mayor de hũa Deidade,
 Nem o proprio exemplar da fermosura.

A' mor-

A morte da Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena.

Mote alheyo.

En este comun dolor
Advierta el cuerdo sentir,
Que no es dexar de vivir,
Morir pera ser mayor.

G L O S A.

Del mismo Author.

EN un dolor tan sin cuento,
Y una pena tan sin par,
Qualquiera deve llorar,
Pues de qualquiera es tormento:
Comun es el sentimiento,
En la muerte de Leonor,
Porque como el bien mayor
De los ojos se le auzenta,
Nadie de llorar se izenta,
En este comun dolor.
Todos sienten con ternura
De su suerte la mudança,
El que es cuerdo con templança,

El que es necio sin cordura:
 Pero como su hermosura
 Muriò para mas vivir,
 Qualquiera deve advertir,
 Que es mejor vida esta muerte,
 Y ansi si el necio no advierte,
 Advierta el cuerdo sentir.
 Advierta que su beldad,
 Muerta en aqueſte ataud,
 Fenix unica en virtud
 Renace en la eternidad.
 Y aun que a la humanidad
 La penſion paga en morir,
 No dexa de conſeguir
 Lo eterno en ſu feliz muerte,
 Pues ſabe morir de fuerte,
 Que no es dexar de vivir.
 Suele hazer la muerte igual,
 Al grande con el pequeño,
 Siendo ſu mayor empeño,
 Ninguno hazer deſigual.
 Deſte decreto fatal
 Izenta quedò Leonor,
 Porque ſiendo ſuperior,
 No ſe abatiò ſu grandeza,
 Antes pudo ſu belleza
 Morir, para ſer mayor.

*Al magestoso tumulo que la generosidad affectuosa
del Secretario del Estado Gongalo Ravaasco Ca-
valcanti y Albuquerque, erigio a las saudo-
sas memorias de la Excelentissima Seño-
ra D. Leonor Josefina de Vilhena.*

SONETO.

Por el indocto Maldonado.

Mongibelo de sombras revestido,
Que a ti mismo contrario te compones
Porque quando en el pecho nieve opones,
En centellas blazonas incendiado.
Contrario dixe, nò, miente el sentido,
Porque en essas cenizas, los blazonos
De un coraçon ocultas, que a los dones
Del thezoro se suele estar asido.
De Eleonora junto a las cenizas
Publica de Rodrigo las querellas,
Ardiendo el coraçon, que nò divisas.
Offusquen pues tus llamas las estrellas,
Porque al yelo fatal de amor precisas
Las cenizas se animan de centellas.



Ao gèral sentimento que houve na sempre lamentavel morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilbena.

SONETO.

Do Bacharel formado Paulo da Costa Brandão.

NA Corte espira de Leonor o alento,
 Porque lhe embarga a vida a dura sorte,
 E sendo ao sentimento estreya a Corte,
 Em partes se divide o sentimento.
 Sente a Corte, & a Bahia de hum protento
 De discrição, & gentileza a morte,
 Sendo, por ser intempestivo o corte,
 Da planta mais sentida o desalento.
 Mas hũa pena taõ avantajada,
 Que muyto he fosse em partes dividida,
 E nas quatro do mundo lamentada.
 Que se a morte anda sempre opposta á vida,
 Vida que foy de todos desejada,
 De todos ha de a morte ser sentida.



*Ao sumptuoso Tumulo, que erigio nas exequias, que
fez pela morte da mesma Senhora o mais obse-
quioso affecto do Secretario do Estado Gon-
gallo Ravaasco Caval. anty & Al-
buquerque.*

SONETO.

Do mesmo Author.

Fabrica excelsa de lamentos chea,
Que te propoens a nossos olhos tristes,
Dize, funesto emblema, em que consiste,
Esse horror, & esse luto, que te afeia?
Se choras ecclipsada de Ulyflea,
A luz mais rutilante que já viste,
Não ecclipsada, não, mais clara existe,
Hoje entre os Astros essa luz Phebea.
De Leonor essa luz honte ecclipsada,
Esse Sol de Leonor honte escondido,
Se honte foy luz em sombras sepultada,
Se honte foy Sol em nuve amortecido,
Hoje he luz nesse Empireo collocada,
Hoje he Sol nessa gloria renascido.

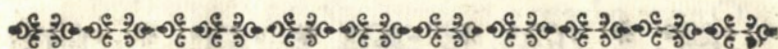


SONETO.

De Jeronymo Rodrigues de Crasto.

C Oração que te falta ? O meu alento.
 Quem foy q̃ to usurpou ? A morte impia.
 O que te levou nelle ? Hũa alegria.
 O que só te deyxou ? Hum sentimento.
 Assim sofrendo estás ? Duro tormento.
 Que foy a antiga gloria ? Fantezia.
 Em que se converteo ? Em tyrannia.
 O que não logras já ? Contentamento.
 Como sentes a ausencia ? Em puro pranto.
 O que mais te lastima ? A pena forte.
 Não tês alivio algum ? Sò tenho encanto.
 Justamente lamentas dessa sorte,
 Saudoso padecendo com espanto,
 Tyrannia, tormento, pranto, & morte.

A' mor.



*A morte da Excellentissima Senhora D. Leonor
Josepha de Villena, nas exequias que lhe fez o Se-
cretario do Estado o Coronel Gonçallo Ravaf-
co Cavalcanty & Albuquerque.*

SONETO.

*Do Padre Francisco Pinheyro Barreto Vigario
da Igreja Matris de S. Pedro.*

E Sfa que vès, Bahia, urna eminente,
Delengano fatal da humana vida,
He culto da saudade mais devida,
Desempenho do amor mais reverente.
Esse gentil horror, ara decente,
Da discrição, & gala incompetida,
Gloria he em desmayos delmentida,
Da sombra resplendor indifferente.
Unio em si Leonor, com graõ ventura,
Belleza, & discrição: rara impiedade,
Que afeye a morte tanta compostura.
Porèm não, que do amor a potestade,
No desejo lhe aviva a fermosura,
A discrição lhe apura na saudade.



*Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa,
na morte da Excellentissima Senhora D. Leonor
Josepha de Vilhena sua mulher, a quem se
applica o Soneto 106.*

Do Grande Luis de Camões, & Glofa a elle.

T E X T O.

DOce contentamento já passado,
Em que todo meu bem só consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deyxou de vòs taõ apartado?
Quem cuydou que se visse neste estado,
Naquellas breves horas de alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse sem cuydado?
Fortuna minha foy cruel, & dura,
Aquella que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem pode ter cautela.
Nem se engane nenhũa creatura,
Que não pode nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena a sua estrella.

GLO-

G L O S A.

I.

Quando, contento meu, entre alegrias
 Ignorava ditoso tantos danos,
 Alegres os annos reputava dias,
 Hoje os dias reputo eternos annos:
 Faltaſteme, era força, que agonias
 Padeceſſe tormentos deſhumanos,
 Por iſſo por vòs choro laſtimado,
 Doce contentamento já paſſado.

II.

Em vòs achou minha ancia ſempre azyto,
 Mas hoje que ſem vòs me conſidero,
 De todo me confundo, & me aniquillo,
 Nem goſto quero já, nem vida quero:
 O tormento ſó buſco, & conſeguillo
 Deſejo, o mais cruel tyranno, & fero,
 Pois que me falta a voſſa companhia,
 Em que todo o meu bem ſó conſiſtia.

III.

Quem illuſtre Leonor, quem Sol brilhante,
 Hoje, cauſa total de meu tormento,
 Tanta gloria roubou em hum inſtante?
 Tal belleſa uſurpou em hum momento?
 Quem poderia ſer cauſa baſtante,
 De dano tão cruel mal tão violento?

Quem o bem me tirou quem a alegria?
 Quem vos levou de minha companhia?

IV.

O bem amado, o gosto apetecido,
 Que alegre possuí, logrey ufano,
 Todo já por meu dano ha fenecido,
 Já todo se ha acabado por meu dano.
 Que o fado, que de mim compadecido,
 Então se contemplou menos tyranno,
 Hoje vos separou fero, & indignado,
 E me deyxou de vòstaõ apartado.

V.

Cuydaria tal vez o fino amante,
 Em quem mais a affeyção resplendecia,
 Que de hũa ausencia a magoa penetrante
 Tirarlhe toda a gloria poderia:
 Cuydaria que em ter o bem distante,
 Ao rigor da saudade acabaria,
 Mas nunca eu fuy, (dizer posso acertado,)
 Quem cuydou que se visse neste estado.

VI.

Naquelle tempo em que eu feliz gozava
 As ditas em mór auge, em mór altura,
 Nem do fado os rigores receava,
 Nem mudanças temia na ventura:
 Então nada tristesa me caulava,
 Porque então tudo era gloria pura,

E em

E em fim penas, & dores não sentia,
Naquellas breves horas de alegria.

VII.

Ora o mal, ora o bem qualquer activo,
No que obrava me tinha como aborto,
Porque o mal queria verme vivo,
Porque o bem não queria verme morto:
Consentia no mal, o mal esquivo,
Davame o bem no bem feliz conforto,
E o bem ao mal sómente preferia,
Quando minha ventura consentia.

VIII.

Se acabar pôde a vida hum desengano,
Que he tormento cruel, que he pena forte,
Mais efficaz veneno he o de hum engano,
Pois conduz mais ligeyro para a morte:
E como he rigoroso, como infano,
Tanto, que apenas ha quem o soporte,
Com razão me lastimo magoado,
Que de enganos viveffe meu cuydado.

IX.

Naõ foy o amor a causa destas magoas,
Que minha alma affligida está sentindo,
Nem por quem o meu peyto em vivas fragoas
Se está tyrannamente conlumindo:
Quem causou que dos olhos rios de aguas
Se vejaõ de contino estar sahindo,

Com

(56)

Com ancia tão voraz, tanta amargura,
Fortuna minha foy cruel, & dura.

X.

Esta falsa tyranna vil Deidade,
Esta Effigie inhumana, fêra, & indigna,
Em quem a compayxão sempre he crueldade,
Em quem o bem querer sempre he ruina.
Esta em quem se vê fixa a adversidade,
Esta que a fer instavel só se inclina,
Esta foy com danoso, & fero intento
Aquelle que causou meu perdimento

XI.

Prevenir da fortuna as inconstancias,
Querer acautelar de seus rigores,
He mostrar sem disfarce as ignorancias,
Nestas vãs prevenções sempre mayores:
Porque em fim tão danosas resultancias
De ancias, penas, tormentos, magoas, dores,
São da fortuna rigorosa, aquella
Com a qual ninguem pode ter cautela.

XII.

Quando a sorte convida com hum affago,
Quando mostra a fortuna alegre o rosto,
He para executar mayor estrago,
He para se instruir em dar desgosto.
Que aquelle affago seja vital trago,
Ou que não seja aquelle bem supposto,

Tal

Tal não crea a innocencia, inda a mais pura,
Nem se engane nenhũa creatura.

XIII.

Que bem a meu pezar esta verdade
Está minha alma triste exprimentando,
Pois da fortuna iniqua crueldade
Sem que eu acabe, a morte me está dando:
Que dimita a voraz actividade,
Com que a hũ peyto amoroso vay talando,
Bem alcança o meu triste pensamento,
Que não pode nenhũ impedimento.

XIV.

Instava o meu amor em dar-me gosto,
Porfiava a fortuna em penas dar-me,
Venceo tyranno, dandome de rosto,
Rendime, pois que pode contrastarme;
E pois me foy forçoso este disgosto,
De que infeliz não pude desviarme,
Ninguem ha de poder em tal querella,
Fugir do que lhe ordena a sua estrella.



SONETO.

Que me queres tyranno pensamento,
 Vendome reduzida a tal estado,
 Que do tempo presente, & do passado,
 Se eterniza o rigor do meu tormento.
 Em quanto Lices viva, o sentimento
 Apurava na ausencia o suspirado:
 Porém depois de morta, o magoado
 Estragou o respeyto ao sofrimento.
 Pois passando os limites de sentida,
 Transcendendo as esferas de saudosa,
 Sou affombro da morte, & horror da vida:
 Por ser a minha dor tão poderosa,
 Que tendo em partes a alma dividida,
 Em toda a parte he toda rigurosa.

*A morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilhena, succedida pouco depois
que do Governo da India chegou seu espo-
so o Excellentissimo Senhor D. Rodri-
go da Costa.*

SONETO.

Do Padre Andre de Figueyredo Marcarenhas.

Como Sol entre applausos cento, a cento
Lá desse berço de Zafir luzente
Busca o Costa a Leonor, que no Poente
Qual Aurora lhe guarda novo alento.
Mas em magoa fatal, triste protento,
As lagrimas da Aurora no Oriente
Agourarão, que a Aurora no Occidente
Com o Sol perderia o lusimento.
Sempre o Poente foy da luz jazigo,
Na falta de Leonor Rodrigo o chora
Quando perde da luz todo o abrigo:
Mas se ambos Aurora, & Sol se adora,
Falte a luz de Leonor vendo a Rodrigo,
Que nas vistas do Sol acaba a Aurora.



*A' morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilhena, & debayxo do mesmo
assumpo.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

E Sse do prado mimo nacarado
Pastilha de carmim, pavaõ de Flora,
Cuja morte com lagrimas a Aurora
Pronostica chorando sobre o prado.
Se da manhã no riso affronta o fado,
Quando immortal na purpura se adora,
Vindo o Sol ao Occidente se descora
Mariposa da luz, lusto do agrado.
Com o Sol de Rodrigo no Oriente
Era rosa Leonor, que em pompa ayrosa
Pode picar a Venus novamente.
Como rosa no tarde lastimosa
Morre vindo este Sol para Occidente,
Que com Sol no Occidente acaba a rosa.

Extre.



*Extremoso sentimento do Excellentissimo Senhor
D. Rodrigo da Costa na morte de sua esposa.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

E Sse rayo, que vibra o Ceo irado,
Essa guerra, que faz cada elemento,
Essa tormenta, que desprega o vento,
Esse destroço, que ameaça o fado.
Com hum desmayo se mostra soccegado,
Com hũa lastima se postrá o seu intento,
Com hũa perda desfaz o seu alento,
Com hũa morte se rende desatado.
Com morte mais cruel, perda odiosa,
Lastima mais fatal, triste desmayo
De Leonor a meu peyto o amor convida.
E que em furia vencendo a dor saudosa,
Ao destroço atormenta, a guerra ao rayo,
Porque viva o pesar, não mate a vida?



*Saudosa apprehensão do Excellentissimo Senhor D.
Rodrigo da Costa na anticipada morte de
sua esposa.*

SONETO.

Do mesmo Author.

Que me queres traydora fantezia,
A que trazes cruel ao pensamento
Memorias, que hoje só para o tormento
Avivaõ de Leonor a bizzarria?
Como queres, que dare a pena impia,
Quando o bem se passou em hum momento?
Porque eterno ha de ser no sentimento,
Se no logro não foy nem bem de hum dia?
Não chegára a julgarte por traydora,
Se como dita breve o bem se ordena,
A perda breve pena tambem fora;
Porém, oh condição, que ao bem condena,
Que negando na posse alivios de hora,
Eternisa na perda annos de pena?

A's

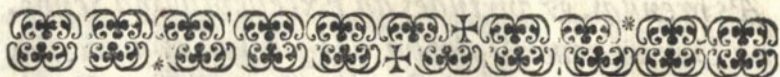
*A's prendas, & virtudes da Excellentissima Senho-
ra Dona Leonor Josepha de Vilhena, emudecendo
os clarins da fama, despertavaõ as admirações do
silencio, imagem, que coroava o Mausoleo, que
a suas immortaes memorias consagrou o
entendido affecto do Secretario d' Es-
tado Gonçallo Ravaſco Cavalcan-
ty & Albuquerque.*

SONETO.

Do meſmo Author.

EM vaõ, ò Fabio, em vaõ aqui pretende
Occultar o silencio a melhor prenda,
Se de tantas virtudes na contenda,
Quanto abraça a memoria, applausos rende.
Porèm como em Leonor a fama aprende
Novas prendas, temendo que as offenda,
Mais do que nos louvores comprehenda,
Em silencio admirada se suspende.
Pois retireſſe a fama de admirada,
Que a louvores aqui o silencio incita,
Onde ha tanta virtude venerada.
O silencio inda mais que a fama grita,
Porque mais que na fama celebrada,
No silencio a virtude ſe acredita.

Al



*Al Mausoleo de la Excelentissima Señora D. Leonor Josepha de Vilhena, competencia de luz,
y sombra en lutos, y fuegos.*

ROMANCE.

Del mismo Author.

M Achina fatal, que en lutos
Rematas tanto fulgor,
De que te sirve la luz,
Si el luto te coronò?
Mas que bien entre las luzes
Esse luto se mezclò,
Si siempre metas de luto
Rematan passos del Sol.
Pero si el luto, y las luzes
Son memorias de Leonor,
No ha de estragar el luto,
Luzes de que se vestio.
Pues bien, que la cerca el luto
A un las luzes nò dexò,
Que nò pierde el rayo en sombras,
Memorias de que luziò.

De

De aquel joben, que entre luzes,
Fue rayo en sombras de error
Aun luzen vivas cenizas,
Del fuego que le abrazò.
Aunde los campos Phrigios
Memorias son luzes oy,
Que contra Olimpos de humo
Se opponen Ethnas de amor.
Si pues Phaetonte, y Troya,
(Bien que los sella el horror,)
A privilegios del fuego,
A un en sombras, ascuas son.
Que mucho de luz, y sombra,
Con tan estrecha union
Donde un capuz cubre luzes,
Lutos encienda un farol?
Si esse eclipsado luzero
Fue de tal constelacion,
Que a un del occaso en sombras
Nò dexa las luzes, nò.
Mas si el carcel del ocafo
Nò es de su luz prision,
Qual seria en el Oriente
Sol que el occaso ilustrò?
O' como del Sol en falta
Pide estrellas la razon,
De aqueffe Sol en la noche,

Estrellas, ò luzes soes:

O'es que comola noche

Por posses del Sol entrò,

De los lutos tambien rompe

La luz, la jurisdicion.

O'es que el color hurtando,

Oy a nuestro coraçon

Procuras que entre las luzes,

Se vea el pezar mejor.

Sinò es, que como el fuego,

Siempre affectos declarò,

Incultas, que en nuestro affecto

Se abraza nuestro dolor.

Dominen luego las luzes,

De los lutos la region,

Que donde manda el affecto,

Que mucho reyne el ardor?



*A' anticipada morte da Excellentissima Senhora
Dona Leonor Josepha de Vilhena.*

SONETO.

Do mesmo Author.

E Ssa chama, que estrellas desacata,
Esse escolho, que aposta cò a dureza,
Hum estrago lhe acaba essa firmeza,
Hum ecclipse essas luzes lhe maltrata.
Esse agrado, que nacaraes dezata,
Esse arminho, que he termo da belleza,
Hum pò vem a parar essa limpeza,
Hum despojo essa purpura remata.
Rosa foy na pensão, jasmim na alvura,
Penha em firmezas, Sol em luzes vago,
Aqui Deidade a prantos nos empenha:
Porèm fora melhor, menor altura,
Pois a ser pò, despojo ecclipse, estrago,
Excedeo jasmim, rosa, Sol & penha.



*A morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilhena.*

SONETO.

Do mesmo Author.

Hoje Apollo entre sombras assustado
Estrella se equivoca tintillante,
Melancolico o rosto, o passo errante,
O cabelo das luzes despojado.
Flora das violetas tem cortado
As baetas, que arrasta a cada instante,
Não achando o jardim com flor brilhante,
Destroca as plantas, larga fogo ao prado.
Mal poderão, Leonor, Apollo, & Flora,
Derrotados das luzes, & das cores,
No jardim, ou no Ceo achar melhora:
Se com as nossas lagrimas, & dores,
Em vòs só sepultadas hoje chora
O Ceo as luzes, o jardim as flores.



*As prendas, & virtudes da Excellentissima Senho-
ra D. Leonor Josepha de Vilhena, ainda depois
da morte, executão no animo de seu esposo, o
Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da
Costa extremosamente sentido, os
mesmos effeytos, que em vida.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

E Rrada a conclusão hoje conheça,
O que Mestre mais douto na sciencia
Nos deyxou por proloquio sem fallencia,
Que em a causa cessando, o effeyto cessa.
Porque a dor de Rodrigo nos confessa,
Que o arrasta Leonor com tal violencia,
Que o que causou effeyto na assistencia,
Apartado da causa então começa.
Apartada Leonor, inda lhe causa
Hum effeyto tão forte, que suspeyto,
Que não tem inda a causa feyto pausa:
Pois Leonor em dominios de seu peyto,
Se na vida o rendia como causa,
Hoje o vence na morte pelo effeyto.

*Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa,
que triunfando das tormentas do mar na car-
reyra da India, fez naufragio no mar das
saudades, que alterou a violenta morte
de sua querida esposa.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

DE Rodrigo dous mares a firmeza
Eu vi, que navegava muy constante,
Tormentas lhe offerece o mar de Atlante,
No mar de amor saudades a fineza.
Já no mar de Neptuno, que despreza,
O dominio lhe cede esse gigante,
Quando no mar de amor Leonor amante
A bonança lhe nega, que mais preza.
Mas se no mar de amor Leonor espira,
Inda para Rodrigo anda o mar grosso,
Porque em mayor tormenta aqui suspira:
Se tem no mar de amor todo o sobroço,
Pouco vay, que Neptuno applaque a ira,
Se a saudade lhe faz mayor destroço.

A' es-

*A esclavécida Senhora D. Maria, illustrerayoda
Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de
Vilhena, defunto Sol, a quem em nome da Senhora
D. Leonor Josepha de Menezes, mais que do sumptuoso
Mausoleo (que erigio o seu esposo o Secretario do Estado Gonçalo Ravaſco Cavalcanty & Albuquerque) à narração dedica as
abrazadas demonſtrações do ſeu magoadado affecto.*

S O N E T O.

Do meſmo Author.

QUando o Sol a deſmayos reduzido
Banha em tumbas de neve o fraco alento,
Se notares, vereis no firmamento,
Que inda hum rayo là deyxá presumido.
Iſto que he no planeta conhecido,
Vê no Sol de Leonor o meu lamento,
Quando em vòs, da belleſa raro invento,
Fica o Sol como em rayo taõ luſido.
Admiti pois do peyto nos altares
Victima hũa alma, que hoje em ſeu deſmayo
Tributa ao Sol nos olhos já dops mares:
Que ſe vòs deſte Sol ſois rico enſayo,
Com ração vos dedico os meus peſares,
Quando em vòs deſte Sol adoro orayo.

Satis-

Satisfaz ao Excellentissimo D. Senhor Rodrigo da Costa, e n nome do Secretario do Estado Gonçalo Ruyisco Cavalcanty & Albuquerque, por haver posto a imagem do silencio sobre o que seu affecto consagrou Mussoleo às memorias da esclarecida Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, do dito Senhor esposa, a quem eraõ applauso curto todas as bocas da fama.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

N Aõ estranhe, Senhor, vossa Excellencia,
 Que da saudade sua o monumento,
 Mais que a fama ao silencio seja assento,
 Que o pezar tira as vozes na violencia.
 Tal he da minha dor a vehemencia,
 Na perda que vos caula este tormento
 Que o pezame vos dá meu sentimento,
 No silencio melhor, que na eloquencia.
 Nesta do monumento triste calma,
 Quizera ser despojo muyto cedo,
 Mas que digo? Já sou da morte palma;
 Pois sem que do sepulchro tenha medo,
 No silencio, Senhor, vos rendo a alma,
 Que alma dos Secretarios he o segredo.



A Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, empenhada em sentimentos, na morte da Excelentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilbena.

SONETO.

Do mesmo Author.

A Penas Phaetonte despenhado,
 A terra deyxá o Sol defanimada,
 Quando a esfera do Ceo, toda assombrada,
 Insinua nos lutos o cuydado.
 Dessa illustre Leonor ao triste fado
 Vos declara o pezar tão empenhada,
 Que se vê com porfia melhorada,
 Em vós Ceo, nella o Sol equivocado.
 Mas se em nobreza lustre, & fermosura,
 Admirada a Bahia em vós venera
 Qualidades do Ceo com mais ventura:
 Bem morrendo este Sol em vós se esmera
 O pezar, porque saõ, por sorte dura,
 Os occasos do Sol lutos da esfera.



A la anticipada muerte de la dicha Señora.

C A N C I O N .

Del mismo Author.

DE los llantos del Alva
 Essa de luzes fuente nasce apenas,
 Derramando fulgores sobre el prado,
 Quando el coro emplumado, dulce salva,
 (Afrentando en gorgéos las Sirenas,) *A*
 Es lisónja a la luz al ayre agrado;
 Pero el Sol empeñado,
 Bolviendo hermosas flores de otra esfera,
 Volatil primavera,
 Con el perfil distinto de las cores,
 Es pincel de las aves, y las flores;
 Que si plumas matiza,
 Colores al jardin tambien divisa.
 Mas ay, triste luzero,
 Ya viestes de un vapor ceño groffero,
 Porque la luz mas bella

Suele

Suele agora nacer con poca estrella,
Pues occaso violento
Equivoca el vapor tu nacimiento:
Lá que aliño de Abril, trofeo de Flora,
Remora del olfato en mar de Tyro
Arde en verde prision, purpurea llama,
Sidel alva a las rizas enamora,
Tan bien llantos le deve de un suspiro:
Que la purpura misma que la aclama
Es fuego, que la inflama,
Quando el Sol con guadaña de fulgores
Es parca de las flores,
Cometa del carmin, que por destino,
Contra purpuras siempre se previno;
Pues en este colegio,
Paga primer la rosa el privilegio:
Si no es que por bella,
El Sol la desarma como a estrella.
Mas ay que importa, ò rosa,
Que blasfone tu purpura de hermosa,
Se viste la hermosura,
En purpura fatal la desventura!
Este que es del zafir bello Narciso
Garçota de las olas presumida,
Pesada injuria de ligero buelo,
En las alas de un zefiro preciso,
Que al aguila veloz dexan rendida,

Quando examen de rayos su desvelo
 Quiere subir al Cielo,
 Pelota del mar, fabula del viento,
 En la playa escarmiento,
 De Neptuno cruel tristes despojos
 Ofrece por reliquias a los ojos;
 Porque quien mucho buela
 Para los precipicios se desvela,
 Que si el destroço es pena,
 La pena con el buelo bien se ordena.
 Mas ay perdida nave,
 En tus mismas velas tu daño cabe,
 Que al ayre que te alienta,
 Es cierço que te lleba a la tormenta?
 Essa llave que suelta en rio undoso,
 Al grillo de chrystal, carcel de plata,
 En que estuvo elemento aprisionado,
 Essa que al año parte, buelve hermoso
 En las hojas, y flores, que dezata,
 Es del arbol libre, capa del prado,
 En tan feliz estado
 Cornucopia de Arabia se derrama
 Nel vulgo, que la aclama,
 Pues burlando aromaticos licores,
 Pastillas buelve, quanto alienta en flores:
 Mas si al viento enamora,
 Quando en taças de olor le brinda Flora,

El estio encendido
Troca en polvoras de ambar lo florido.
Mas ay breve primavera
Quan corta de las flores fue la esfera,
El mismo ardor te avisa,
Que lo que era esplendor, es ya ceniza!
Mejorando Orizontes en sus ojos,
Fue Sol Leonor, que en altos resplandores
Dominò en los tremulos zafiros;
Fue rosa, a quien las flores por despojos
Rendieron aromaticos fulgores:
Fue nave, que holò en los suspiros,
Aves burlò en gyros:
Primavera fue, que hizo en adornos
A la virtud sobornos,
Pues augmentando al prado galanteos
Embocò las virtudes en aceos;
Mas si fue primavera,
Un estio es Vesuvio de su esfera:
Si fuè nave con viento
Bolò destroço lo que fuera aliento;
Si rosa que el Sol dora
En su mismo esplendor su muerte llora:
Y si fue Sol luziente,
Encontrò el Occaso en el Oriente.
Dexa el acento vago,
Cancion, que el bello siempre acaba estrago,

Si contra la hermosura
 Se arma como vapor la desventura,
 Por su daño la hermosa
 Es Primavera, Nave, Sol, y Rosa.

LAUS DEO.

